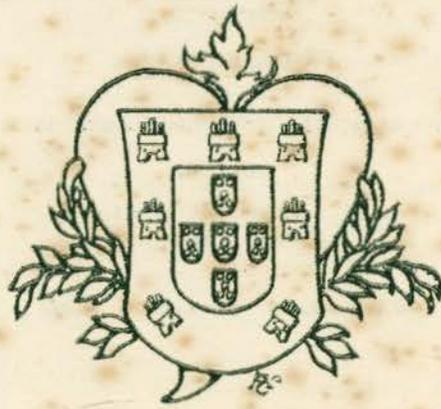


APR 1957

4

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Comercial Praça dos Restauradores, 24.
MCM XVI

SUMARIO

N.º 4 — MAIO DE 1916

	Pag.
Breve Estudo Antropologico de um Retrato de Albuquerque — <i>Dr. A. Aurelio da Costa Ferreira</i>	97
Mileu — <i>Dr. Pedro Vitorino</i>	101
Bonecos de Extremoz — <i>D. Sebastião Pessanha</i>	105
A Igreja de S. Leonardo da Atouguia da Baleia — <i>Ribeiro Christino</i>	110
Arte Préistorica : Pinturas rupestres descobertas em Portugal no seculo XVIII — <i>Vergilio Correia</i>	116
Em S. Domingos de Bemfica. Um quadro de Van Dick? — <i>Nogueira de Brito</i>	113
Medicina Popular : Quebradura (Continuação) — <i>Dr. Claudio Basto</i>	120
Notas : 1. ^a) O Recolhimento de Santa Clara, em Portalegre — <i>S. P.</i>	100
2. ^a) Açafates pintados — <i>S. P.</i>	109
3. ^a) Lenços marcados — <i>S. P.</i>	115
4. ^a) As Décimas do Padrão — <i>V. C.</i>	126
Cronica	128

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, R. Rodrigo da Fonseca, J. P., Lisboa.

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL	1\$20	ESTRANGEIRO	7 frs.
AFRICA E ÍNDIA	1\$40	BRAZIL	7\$00

Numero avulso \$20

Na Administração d'esta *Revista* aceitam-se anuncios de *Livrarias, Casas que negociem em antiguidades, etc.*

Dentro em breve iniciar-se-ha uma secção destinada a facilitar transacções de objectos *artísticos e arqueologicos*, entre os leitores da *Terra Portuguesa*.

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO: VERGILIO CORREIA	EDITOR E PROPRIETARIO: D. SEBASTIÃO PESSANHA	DIRECTOR ARTISTICO: ALBERTO SOUZA
ANNO I. ^o —N. ^o 4	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua Rodrigo da Fonseca, J. P. — Lisboa Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa	M A I O DE 1916

BREVE ESTUDO ANTROPOLOGICO DE UM RETRATO DE ALBUQUERQUE

O RETRATO QUE VEM NAS «LENDAS DA INDIA» DE GASPAR CORREIA



de presumir que Gaspar Correia, que foi secretario do grande Albuquerque, não pusesse nas *Lendas da India* um retrato que com este não tivesse parecença. Por isso é que, no desejo de juntar elementos que pudessem ser aproveitados no exame dos esqueletos encontrados no tumulo dos Gomides, descoberto pelo Snr. Julio Mardel, no antigo convento da Graça, esqueletos entre os quaes se supõe estar o de Albuquerque, me dei ao trabalho de estudar o retrato que figura nas *Lendas da India*, procurando nele características morphologicas, que, sobretudo, permitam prever caracteres do esqueleto.

A face do retrato de Albuquerque, que acompanha as *Lendas da India* (1), é muito comprida e estreita e a sua grande altura contrasta com a da frente, que é pouco elevada e pouco proeminente. O nariz é excessivamente longo e estreito, as maçãs do rosto pouco salientes, a altura labital superior não muito grande, e a mandíbula, apesar do desenho da barba, que dificulta o determinar-lhe o contorno, parece estreita, não muito alta e de mento aguçado e saliente. Os labios são grossos. nele punhaca, que se, A pouca altura da frente, a sua pouca proeminencia, o grande comprimento de toda

(1) Vd. fig. 1 e 3, photographia do retrato das *Lendas da India* e ampliação de parte desta. A ampliação foi feita pelo preparador do Museu Bocage, Snr. Costa. A este mesmo senhor devemos as photographias do craneo, que tambem acompanham este trabalho, e a elle consignamos aqui os nossos agradecimentos.

BREVE ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE UM RETRATO DE ALBUQUERQUE



FIG. 1 — O RETRATO DE AFONSO DE ALBUQUERQUE
QUE VEM NAS «LENDAS DA INDIA»

A fôrma do nariz, muito comprido, muito estreito e em cavalête, a grande altura e estreiteza da face do retrato que vem em Gaspar Correia, lembram tambem as caracteristicas principaes da cabeça de um dos *typos respiratorios*, de que Chaillou e Mac-Aulliffe (*Morphologie médicale*, 1912, pag. 48 e 50) apresentam, como retratos de bons exemplares, o de Bailly, primeiro *maire* de Paris, e o do rei Francisco I. Entre nós, se quisessemos apontar um homem notavel, com caracteres deste typo respiratorio, podiamos, por exemplo, citar Bulhão Pato, não obstante na verdade ser mais um typo mixto, cerebro-respiratorio, do que respiratorio puro. Cito Bulhão Pato, porque se dá com elle o facto curioso de ter inspirado o pintor Columbano, na factura do retrato de Albuquerque, que está no Museu de Artilharia; o proprio e ilustre pintor me informou. E mais ainda: ao emerito academico Henrique Lopes de Mendonça ouvi eu tambem dizer que idealisava um Albuquerque com a figura de Bulhão Pato, e eu mesmo ha muito que associo as duas figuras, os retratos dos dois.

Chaillou e Mac-Aulliffe accentuam que as caveiras dos *respiratorios* são notaveis pela sua pneumaticidade,

a face e as dimensões e fôrma do nariz fazem supôr que a caveira de Albuquerque tinha os caracteres ethnicos da caveira portuguesa de que publico photographia (figs. 2 e 4), caveira que pertence a uma serie de typos portugueses que ha anos organizei no Museu Anthropologico da Faculdade de Sciencias de Lisboa e a que me tenho referido em varios trabalhos, entre outros na pequena nota: — *Mésaticéphales du sud du Portugal*, publicado em 1910 no tomo IV, fasc. I, do *Boletim da Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturaes*. Essa caveira representa, na serie por mim organizada, o typo português que descrevi na memoria: — *La capacité du crâne et la composition ethnique probable du peuple portugais*, publicada ha anos no *Boletim da Sociedade de Anthropologia de Paris*, typo alto, enxuto de carnes, mesaticephalo, leptorrhínio, de cabeça pequena, provavelmente de origem semitica, dominando no Alemtejo.

E, nesta altura, vale a pena lembrar as palavras com que Gaspar Correia retrata Albuquerque: «*homem de bom corpo, sequo de carnes, o rosto comprido, etc.*» (Vd. *Lendas da India*, edição da Academia das Sciencias de Lisboa, tomo II, pag. 460).

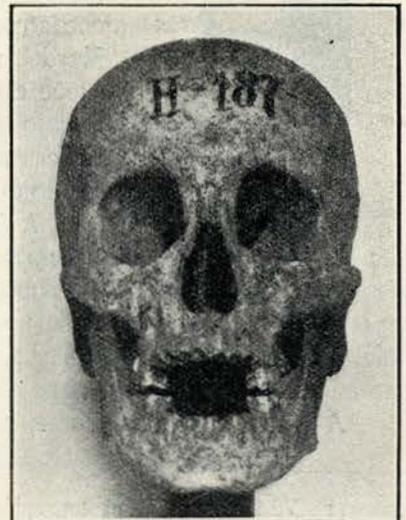


FIG. 2 — CAVEIRA PORTUGUESA COM OS CARACTERES
ETHNICOS PROVAVEIS DA DE ALBUQUERQUE
(NORMA FRONTAL)

BREVE ESTUDO ANTIPOLOGICO DE UM RETRATO DE ALBUQUERQUE

isto é, pelo grande desenvolvimento que nellas teem os seios osseos, as cavidades aereas de certos ossos do cranio e face. E aqui está um dos caracteres que o exame do retrato de Albuquerque nos faz prever.

Nos respiratorios, segundo Chaillou e Mac-Auliffe, observa-se tambem um notavel alargamento e alongamento do thorax, e este é tão grande, que as ultimas falsas costellas quasi que tocam nas cristas illiacas. Ora, no retrato que vem nas *Lendas da India*, impressiona a largura e, sobretudo, a grande altura do tronco, que não está em proporção com os membros. Esta coincidência dos caracteres da cabeça com os do tronco depõe, a meu vêr, em favor do valor do retrato.

Por tudo o que fica dito, pode conjecturar-se: 1.º, que o calculo da estatura, pela medida dos ossos compridos do esqueleto de Albuquerque, deve levar a uma estatura não inferior á média (1); 2.º, que o cranio deve ser pequeno, mesaticephalo, de frente relativa-



FIG. 3 — AMPLIAÇÃO DO RETRATO DE AFONSO DE ALBUQUERQUE



FIG. 4 — OUTRO ASPECTO DA CAVEIRA DA FIG. 2 (NORMA FRONTO-LATERAL)

mente baixa, com seios sphenoidaes e mastoideus notavelmente desenvolvidos; e, 3.º, que a face deve ser comprida e estreita, muito leptorrhinia, com ossos delicados, de superficie pouco accidentada, com seios maxillares amplos, e mandibula estreita e de mento aguçado e proeminente.

Encontrar-se-ha, no tumulo dos Gomides, esqueleto com estes caracteres? A comissão nomeada para examinar os esqueletos entre os quaes se supõe estar o de Albuquerque, comissão a que tenho a honra de pertencer, a seu tempo o dirá. Por agora, não direi eu nada mais. Creio, porém, apesar disto, não terem sido inuteis as investigações e considerações

(1) As observações de Sant'Ana Marques, numa serie de 173 casos, levaram-no a calcular para o Alemtejo, onde suponho que predomina o typo ethnico a que reporto a figura de Albuquerque, a média de 1662^{mm} — (Vd. *Estudo de anthropometria portuguesa* — These de Lisboa).

BREVE ESTUDO ANTROPOLOGICO DE UM RETRATO DE ALBUQUERQUE

que fiz e de aqui dou conta. De mais, nunca será pecado, nem fóra de proposito, fallar, estudar, considerar e chamar a atenção, qualquer que seja o pretexto, e *mórmente agora*, nunca será pecado nem fóra de proposito, dizia, chamar a atenção para a figura do *terribil* guerreiro e grande português.

Lisboa — 22-IV-916.

A. AURELIO DA COSTA FERREIRA.



O RECOLHIMENTO DE SANTA CLARA, EM PORTALEGRE

Foi D. Leonor Telles, a perversa e formosa esposa do rei D. Fernando, quem, no anno de 1346, fundou em Portalegre o convento de Santa Clara, de freiras franciscanas.

Hoje, transformado em recolhimento, já nada alli nos recorda o espirito ambicioso da sua fundadora: a propria architectura é do seculo XVIII.

Não me occuparei, porém, do modesto mas interessante edificio, criminosamente votado pelos poderes publicos ao mais vergonhoso abandono, pois me propuz sómente defender a conservação do seu interior como museu regional de arte religiosa.

Os dois coros, principalmente, são quadrosinhos da vida conventual portugueza, onde tudo evoca epochas decorridas e nos falla d'algumas gerações de freiras que alli resaram com fervor e recolhimento. . .

As gradesinhas do commungatorio, delicadamente forjadas; dois orgãos pequeninos, lacados de vermelho e oiro, sendo um datado de 1752; a cadeira episcopal, rica, em estylo D. João V, estofada de damasco; uma estante de missal, de pau santo, toda tremida e com ferragens de bronze, são coisas que fixei, ao acaso, nas curtas notas que me foi possível tomar.

No cadeirado do côro de cima, os espaldares são pintados em medalhões, flôres de liz e rosinhas, sobre um fundo levemente acastanhado, n'uma ornamentação ingenua e galante, que nos lembra o caracteristico mobiliario alemtejano.

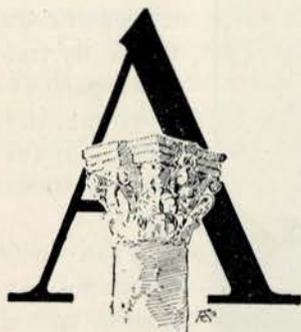
Os logares agora occupados conhecem-se bem: cada recolhida tem sempre alli o seu rosario, pendurado n'uma escapula, e um registo do santo da sua maior devoção, ou do seu nome.

Por que se não reúnem em Santa Clara os objectos artisticos, de caracter religioso, ainda existentes em todo o districto, formando um pequeno museu de arte sacra?

A conservação de alguns dos raros interiores conventuaes, que ainda se mantêm intactos em Portugal, impõe-se por todas as razões e oxalá estas linhas consigam chamar para elles a attenção dos estudiosos e de quem possa intervir em seu favor!

S. P.

MILEU



ermida da Povoia de Mileu, que a nomeada tradicional beirôa nimba de miraculosas lendas, acha-se situada a uns dois quilometros ao nordeste da cidade da Guarda, na orla da estrada que, em coleante descida, vae á estação ferro-viária.

Apresenta-se abertamente á vista do viajante, que, de ordinario, passa sem lhe prestar atenção, pois o seu alçado modesto, destituído de magestade e pobre de atavios, bem pouco o poderá prender. Só o excursionista conhecedor de antigualhas, ou adverteido da sua existencia e valor, lhe volverá um olhar benevolo, de interrogativa contemplação.

Mileu conta-se entre as nossas reliquias architectonicas.

A sua idade, é mais facil presentil-a, do que justificar o seu epíteto.

A *Senhora de Mileu* está lendariamente immortalisada entre o povo egitaniense. Na sua simplicidade, a tradição refere que, em tempos remotos, quando a moirama ainda pisava terras lusas, os cristãos se acharam, um dia, em embaraços, ante a multidão dos infieis, e teriam capitulado, se uma voz redentora não viesse inesperadamente incutir-lhes alento: — *Para mil... eu!* (1)

Outras razões, mais plausiveis, ha, acêrca do seu nome. Afirma Viterbo que Mileu e ainda Mirleu, Mirlau, Milrreu, Milireu, não são mais do que variantes do mesmo apelativo, comum a logares diversos, cuja significação é: francês ou estrangeiro.

Por *milreus* eram designadas algumas albergarias ou hospitaes, onde os estrangeiros transitoriamente se acolhiam.

«As relações com estrangeiros eram intimas, frequentes. Já o conde D. Henrique tinha uma colonia franca num bairro de Guimarães, e D. Afonso I servia-se tambem muito de estrangeiros». (2)

A existencia dêsses estabelecimentos especiaes era, pois, justificada.

Sem remontar á antiguidade que lhe atribue a opinião corrente, considerando-o, em absoluto, como o mais antigo templo de toda a Beira, e que um serafico autor, Fr. Agostinho de Santa Maria, em seu *Santuário Mariano*, quer que seja anterior á invasão dos sarracenos, o que pode verosimilmente afirmar-se é que a fabrica de Mileu deve corresponder ao fim do seculo XII, estando de perto relacionada com a fundação da cidade da Guarda por D. Sancho I.

A architectura era cultivada, então, com esmero, mercê da munificencia régia, muito

(1) As lendas, com suas variantes, acham-se reproduzidas nos seguintes logares:

Diocese e distrito da Guarda, por José Osorio da Gama e Castro, Porto, 1902 (pag. 121-122).

Tradições populares da Guarda, por A. Gomes Pereira, Esposende, 1912 (pag. 21-22).

Revista Lusitana (vol. XI, pag. 73-74). A tradição aqui referida não diz respeito á Senhora do Mileu da Guarda, mas á sua homonima, padroeira de Veiros, no alto Alemtêjo. O conceito é identico.

(2) Gabriel Pereira, in prefacio da *Cronica de El-Rei D. Sancho I*, Lisboa, 1906.

MILEU



ERMIDA DA POVOA DE MILEU — FRONTARIA

em especial a arquitectura militar, exuberantemente utilizada nos pontos estrategicos da fronteira espanhola e na zona ainda sujeita a incursões mauritanas.

Foi justamente nos derradeiros anos do duodecimo seculo que o rei povoador, tendo reconhecido que a atalaia (1) fundada antes para vigilancia de terras mouriscas

convinha ser tornada num verdadeiro castelo, com gente que o defendesse, começou de erguer a cidade que denominou Guarda, em memoria da torre primitiva, e á qual concedeu foral em 1199.

Só por esse tempo se teria formado na Guarda alguma *albergaria de Mirleus*, visto ser improvavel a fundação de instituições desta natureza em logares quasi despovoados e ainda não sujeitos a um dominio estavel. De resto, foi em documentos do seculo XIII, hoje desaparecidos, que Viterbo encontrou largamente mencionada uma albergaria dèste nome.

Sem mais reflexões de ordem historica, passemos á estrutura do edificio, numa rapida verificação, calcando as notas recolhidas na minha carteira, ha tempos, quando de uma viagem de estudo ao «Sanatorio Sousa Martins».

A estilisação do templo é a romanica, bem denunciadora da epoca heroica e viril do despontar do nosso país como nação constituida. Apesar de deturpado por excrescencias afrontosas, Mileu acusa, quasi na totalidade, a feição originaria. A caracteristica propria, que logo nos fere, é a severidade plastica, tanto em harmonia com a aspereza impressionante da perspectiva local. O frontispicio, *alindado* por uma torpe codea de calça e taboinhas para luminarias, é de uma singeleza enternecedora. No portal, de pequena reintrancia,

(1) Uma *atalaia* ou *guarda*, que não sei se será a primitiva, ainda se vê erecta num enrocaamento de granito que o vento fustiga fortemente. Apresenta quatro lados de grossa silharia, despojada já do seu coroaamento dentado; a face do poente, desdobrada em duas facetas, mostra seteiras com cachorros sotopostos, e as outras teem, a do nascente, uma porta, e uma anela com arco de reforço a do norte.

MILEU

esvelto e bem lançado, apenas ha pés direitos suportando arquivoltas cintradas, nuas como o timpano que abraçam. No frontão, o oculo circular, concavo, dum vasado harmonioso e perfeito, as tres fortes misulas inferiores e o pequeno campanario, que emerge do lado setentrional, completam o adorno escasso e tímido da frontaria, que obedece á regra medieyal, encarando o poente.

Os muros lateraes, por menos considerados pelos *aformoseadores*, conservam a evocadora pátina que tanta beleza dá ás edificações do passado; este desprezo feliz deixa vêr melhor os silhares de medio aparelho e evidencia a sua decoração (verdadeira prolixidade!), adensada, no friso, de modilhões onde se mostram variadas figuras da fauna e da flora, e na cornija, que desabrocha numa fiada ininterrupta de esferas.

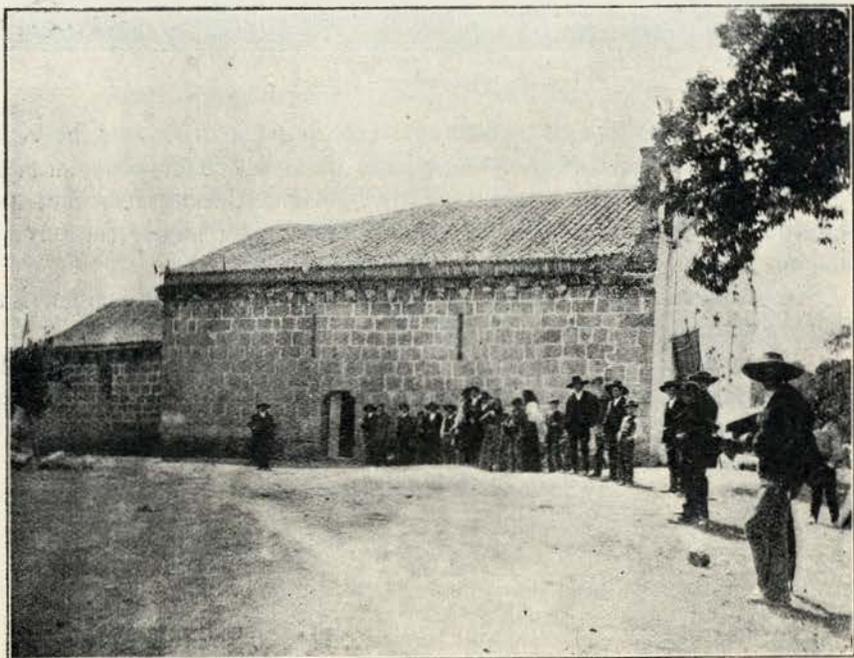
O edificio, de reduzidas dimensões e pouco elevado, é rectangular, com uma capela absidal da mesma projecção.

Quando a caminho da cidade, o meu conhecimento da ermida ficou por aqui; porém, ao regressar, permitiu o acaso que me fosse dado transpor as suas almeçadas hobreiras.

Era a 15 de Agosto, dia em que tem lugar a sua tradicional romaria.

Mileu, vestindo galas, abria as suas portas á visitaçào dos fieis. Embora em qualidade diferente, com inesperada satisfação saltei do carro e me dirigi a uma pequena porta lateral, tão reduzida em altura que a cabeça quasi toca no lintel, pela qual penetrei no seu recinto acolhedor, duma só nave, onde a luz se difundia preguiçosa e mortiça, coada através de simples frestas. Reconheci, com pesar, não ser o momento propicio para contemplanções profanas: o templo abrigava bastantes camponios, de um e outro sexo, que aguardavam pacientemente, de pé, sentados, ou de joelhos nas lages frias e humidas do pavimento granitico, a função religiosa.

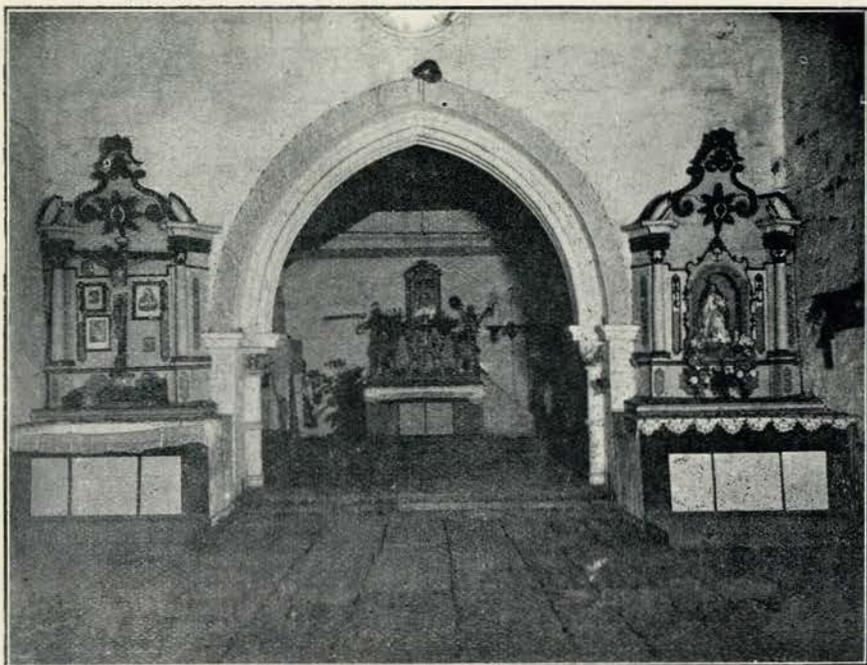
A ermida, de interior humilde, quasi barbaro, é coberta com tectos de madeira. Pouco á vontade e apressado, não a observei como desejaria. Prenderam-me a atenção o arco triumphal e a rosacea sobranceira, mal visiveis, para mais, entre as decorações de verdura e pano agalado. Na rosacea, envolvida



ERMIDA DA POVOA DE MILEU — LADO NORTE

MILEU

por uma faixa de *billetes*, vislumbra se uma intenção decorativa manifesta, com detalhes curiosos. Como suspeitára pelo aspecto externo da abside, o arco que nela se abre é baixo, porém airosamente lançado numa correcta ogiva. Em pleno acordo com a distribuição orna-



ERMIDA DA POVOA DE MILEU — INTERIOR

mental da época, que nele punha sempre os seus melhores enfeites, o arco triunfal, com molduras, es-triba-se em duas colunas aneladas, embebidas, sem bases e de fustes tão breves, que os olhos encontram em horizontal os seus capiteis historiados.

A ornamen-
tação que ostentam é tão ingenua como interessante. No capitel do lado do Evangelho, exhibe-se uma cabeça humana,

face glabra, olhos obliquos, rosto envolvido por um capuz que lhe venda a testa, tapa as orelhas e corre sob o mento, tendo junto de si um quadrupede em marcha, como que investindo, de mandíbula pronta a morder. No outro, sobresaem duas aves em alto relevo, defrontando-se, quasi unidas pelo bicos (motivo vulgar na decoração romanica), junto de folhagens espalmadas e pequeninas cabeças antropomorfas.

Entendeu a estetica indigena pintalgar fustes e capiteis com garridas côres, que maior extravagancia dão a esta imaginária bizarra e simples.

O estado geral do monumento é aparentemente bom, tornando-se tarefa facil e pouco dispendiosa uma reparação condigna, designio problematico, mas justo, que a sua senectude lhe confere.

Porto.

PEDRO VITORINO.



FIG. 1 — PASTORES DE UM PRESEPIO ANTIGO DE EXTREMOZ. MUSEU DE ELVAS

BONECOS DE EXTREMOZ



PARALLELA á industria ceramica, existiu, decerto, em Extremoz, uma escola de escultura em barro (1), que teve o seu periodo mais florescente no seculo XVIII, que mais tarde se popularisou, e cujos vestigios chegaram até aos nossos dias.

Os productos que lhe são attribuidos, marcam bem a evolução do trabalho dos seus artistas, desde as lindas figurinhas de presepio, que nos lembram Machado de Castro e os seus discipulos, aos bonecos ingenuos e rudimentares da senhora Gertrudes Rosa, Marques, com officina na travessa do Outeiro.

O que foi essa escola, provam-no algumas esculpturasinhas existentes no Museu Archeologico e Ethnographico de Elvas (fig. 1) e, tambem esse galante *Creado da Casa Real* (fig. 2), adquirido em Borba, onde existe ainda um grande e completo presepio de Extremoz, que é, sem duvida, um dos melhores de todo o Alemtejo.

Mas a obra dos antigos barristas alemtejanos, longe de estar esquecida, transparece abundantemente nos trabalhos modernos, dando, assim, maior interesse ao labor, quasi ignorado, da ultima coroplasta extremocense.

Nos *Pastores ajoelhados* (fig. 3), por exemplo, a semelhança da figura de ha cincoenta annos com a moderna é flagrante, ainda confirmada pela comparação de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de que sou possuidor, trabalho de Extremoz, egualmente do seculo passado, com a Virgem do presepio a que adeante me referirei.

(1) José Queiroz (*Ceramica Portuguesa*, pag. 275) escreveu que, «além das escolas de Aveiro, dos frades de Alcobaça, de Mafra, cujos primeiros mestres foram Giusti e, depois, Joaquim Machado de Castro, do Porto e das Caldas da Rainha, é manifesto que outras houve, em Lisboa, no Alemtejo e em diversos outros pontos do paiz...».

BONECOS DE EXTREMOZ

N'aquelles, a mesma attitude de adoração e o mesmo traje regional (1); n'estas, a identica disposição do vestido, em ambas recamado de florinhas, do manto, e dos grandes brincos que pendem das orelhas quasi até ao peito, e, até, na pintura a mesma polychromia!

Se me è sempre grato fallar de um obreiro do povo com aptidões artisticas, quer espontaneas, quer hereditarias, faço-o agora com um especial interesse: — o que provém de me referir a uma arte popular do Alemtejo — a mais linda das provincias portuguezas.



FIG. 2

Quando, ha tres annos, estive de passagem em Extremoz, a senhora Gertrudes Rosa Marques só modelava uns bonecos muito rudimentares, para mandar ás feiras da região.

Providos de assobio e pintados a colla, limitavam-se a reproduzir typos sem character regional — homens, mulheres e cavalleiros — e algumas aves domesticas.

Tinha-os em deposito na Fabrica Alfacinha, ao Castelo.

Um anno mais tarde, é que, a meu pedido, a interessante velhinha modelou alguns d'esses pequeninos bonequinhos de pôr ao peito, para fazer meia (fig. 4), que não medem mais de tres a quatro centimetros e dos quaes conheço os seguintes typos:

Senhora — Cabello em bandós; chapéu verde, amarello ou encarnado; fato completo, apertado na cintura, encarnado ou verde, com enfeites a preto, ou amarello, com riscas verdes e encarnadas.

Paisano — Chapéu preto; fato completo, verde, com botões pretos; gravata encarnada.

Sargento — Barrete preto, agalado de encarnado; casaco da mesma côr, com gola e divisas, tambem encarnadas, e botões amarellos; calça cinzenta.

Freira — Veu e habito pretos; crucifixo branco na cinta.

Padre — Barrete de clérigo e batina preta.

Sacristão — Batina preta; sobrepelliz branca.

Coração — Pomba — Gallo — Perú — Papagaio.

Toda esta bonecada é provida de um gancho de arame, por onde passa a linha, quando se trabalha, e envernizada, depois de pintada a oleo.

As feições são invariavelmente as mesmas: olhos pretos, labios vermelhos, faces rosadas; o cabelo é sempre castanho; os braços, em todas as figuras, apoiam-se na cintura.

Pelas suas minusculas dimensões e pelo espirito



FIG. 3

(1) Sómente a conhecida gravata do seculo xix, que, decerto, nunca fez parte do traje regional do moiral alemtejano, foi substituida por uma gola alta, abotoada na frente e pegada á camisa.

BONECOS DE EXTREMOZ

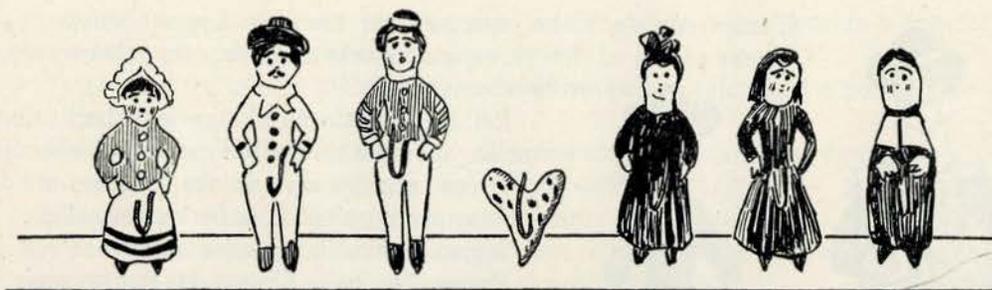


FIG. 4 — «TECEDÓRES» DE PRENDER AO HOMBRO A LINHA DE FAZER MEIA

que as anima, estas esculpturasinhas, parte formadas, parte modeladas, constituem, sem duvida, umas das mais interessantes facetas do labor da velha coroplasta popular.

Onde ella, porém, revela excepcionaes aptidões de perpetuadora e de artista (permitam-me a ousadia do termo), é na feitura dos seus presepios.

Então, sob este novo aspecto, o seu trabalho avoluma-se, toma uma feição accentuadamente regional, caracteriza-se, e a humilde modeladora de bonecos manifesta-se a benemerita continuadora da obra d'esses esculptores de ha dois seculos, que fundaram a escola de Extremoz.

O presépio que, ha um anno, lhe encomendei, propositadamente para este estudo, foi, segundo creio, o unico sahido, nos ultimos dez annos, da pittoresca officinasinha da travessa do Outeiro. Compõe-se de quarenta figuras e custou dois mil e quinhentos réis!

Não fallando, por agora, de cada uma d'ellas em especial, de todo esse mundo de pastores, reis, portadores de dadivas, animaes de varias especies, etc., referir-me-hei sómente ás mais importantes e, sobretudo, áquellas que maior numero de dados ethnographicos nos fornecem.

Assim, destacarei as seguintes:

Berço com o Menino (fig. 5) — Em fôrma de mangedoura, é pintado exteriormente de côr de vinho, a borda imitando encanastrado, e, interiormente, de amarello.

No fundo, uma cercadura em folho, emoldurando a pintura ingenua de um ramo de rosas.

O Menino, todo nú, repousa a cabeça n'uma almofada branca, com laços vermelhos,

Luiz XVI, e está rodeado de quatro pombas e um gallo.

Virgem (idem) — Ajoelhada e de mãos postas, tem, na cabeça uma touca branca, que lembra a «tovaglia» italiana, e, nas orelhas, grandes brincos de oiro.

Vestido azul claro, recamado de florinhas; manto encarnado, com pintas pretas e folho amarello.

São José (idem) — Ajoelhado, segura o bordão mystico.



FIG. 5 — SAGRADA FAMILIA

BONECOS DE EXTREMOZ



FIG. 6



FIG. 7

Tunica côr de vinho, apertada por um cinto largo, amarello, cujas pontas cahem na frente, e capa tambem amarella, com gola encarnada, cobrindo as costas.

Rei Mago — Corôa de oiro na cabeça; tunica vermelha, agaloada de amarello; manto das mesmas côres e com romeira de arminho, cahindo até aos pés; botas pretas, altas, com borlas vermelhas.

Segura nas mãos um cofre de oiro.

Pastor (fig. 6) — E' uma das figuras mais interessantes do presepio e de caracter accentuadamente regional (1).

Chapéu preto, de grandes abas, *samarra* de pelle d'ovelha; calça côr de lilaz; polainas de coiro, afiveladas ao lado; manta ao hombro.

Com o *tarro* de cortiça enfiado no braço e segurando na mão direita o *boieiro* de azinho, guarda dois cabritos, malhados de branco e de chifres azues!

Portadora de dadivas — Cabello grisalho, entrançado; casaco côr de castanha; saia encarnada, com duas barras pretas.

Por cima d'esta saia, enrolada na cinta e cahindo atraz, uma outra, verde, deixando vêr duas grandes algibeiras da mesma côr.

A' cabeça, um prato com ovos (?); no braço direito, um *tarro*; na mão esquerda, uma bilha.

Guarda dois carneiros brancos.

Mulher a fiar (fig. 7) — Chapéu preto, copado e de grandes abas; casaco verde; saia côr de castanha, com barra branca, e outra, por cima, encarnada, enrolada na cintura; algibeiras igualmente encarnadas.

Presna na cinta, do lado esquerdo, a roca em que está fiando e, na mão direita, o fuso.

Em ambos os rudimentares accessorios da fição manual se observa o *cossoiro*, volante de madeira tanto em uso no Baixo Alemtejo (2).

Na sua frente, caminham dois perús.



FIG. 8

Pastor a cozinhar (fig. 8) — Sentado no chão, encostado a um sobreiro carregado de bolota, tem na sua frente

(1) De todas as figuras profanas do presepio, só uma encontro em que o traje regional do Alemtejo se acha deturpado: é um *portador de dadivas*, transportando um sacco ao hombro, no qual está em contraste com a *samarra* alemtejana, o barrete verde e encarnado do Ribatejo.

(2) Vd. «Cossoiros do Baixo Alemtejo», por V. C., na *Terra Portuguesa*, vol. I, pag. 63.



FIG. 9

BONECOS DE EXTREMOZ

um brazeiro, formado por tres pedras postas ao alto, sobre o qual assenta a frigideira ou tigela de fogo, em que está cozinhando batatas (?).

Veste *samarra* côr de pinhão, debruada de vermelho; calça azul e polainas de coiro. Na cabeça, um chapéu largo, preto.

Mulher a fazer enchidos (fig. 9) — Lenço encarnado, com flôres brancas nos cantos e barra preta, atado na nuca; vestido azul claro; avental branco.

Está sentada n'um banco quadrado e de quatro pés. Na sua frente, assente sobre um pedaço de tronco, um alguidar, com a massa para os enchidos, e, mais áquem, duas estacas segurando um arame, onde estão pendurados chouriços e paios.

Abre, com a mão esquerda, uma tripa, que enche com a direita.

Alongaria muito esta minha noticia, se fosse meu proposito referir-me a toda a interessante obra da senhora Gertrudes Rosa Marques, e, por isso, me limitei a descrever alguns dos seus principaes trabalhos, sobretudo aquelles que a *sympathica* velhinha, ajudada já pela sua unica filha, reconstituiu a meu pedido.

Pobre modeladora de bonecos!

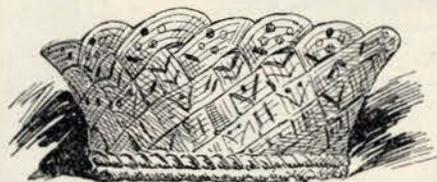
No seu labor, que é, creio, o seu unico ganha-pão, alguma coisa ha mais, além de um natural espirito de continuadora: ha observação propria, sentimento e Arte — essa Arte espontanea, que guia a mão do artífice popular.

D. SEBASTIÃO PESSANHA.



AÇAFATES PINTADOS

Nessa bella região do Douro que, do Porto, se estende até á Povia, não ha feira ou mercado onde faltem á venda os açafates pintados, de que dois açafateiros do logar de Castello, concelho de Maia, são os unicos benemeritos perpetuadores.



AÇAFATE «MAIATO»

Ha-os, então, de todos os tamanhos, desde os muito pequeninos, quasi minusculos, aos que as moçoilas — as lindas moçoilas de Maia! — levam á cabeça, quando vão á cidade, cobertos discretamente por alvissimas toalhas de linho caseiro.

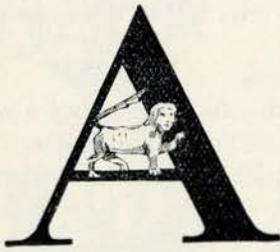
Feitos de vime encanastrado, são, depois, pintados exteriormente com aguadas de côres alegres: verde, azul, vermelho e amarello.

O pintor, de cuja inspiração proveem os motivos, absolutamente inclassificaveis, é o proprio açafateiro.

Sirva esta nota de subsidio para o estudo dos cestos portuguezes, um dos mais interessantes trabalhos ethnographicos, ainda não realisado.

S. P.

A EGREJA DE S. LEONARDO DA ATOUGUIA DA BALEIA



quem desce a vertente oeste da Serra de El-Rei depara-se um largo e soberbo horizonte marítimo, onde as Berlengas, num esbatido, azulado pela distancia, semelham cachopos, espalhados a esmo pelo Oceano; depois, àquem, mais perto, recorta-se, no azul do mar, a comprida silhueta da villa de Peniche, a mais occidental terra portuguesa, rodeada das suas curiosas muralhas, avultando, entre a miuda casaria, o perfil da igreja de S. Pedro; grandes areias e extensos terrenos de pobre vegetação, tendo o Baleal a um extremo e a Consolação ao outro, se estendem ante a vista, num panorama de aspecto melancolico, mas impressionante.

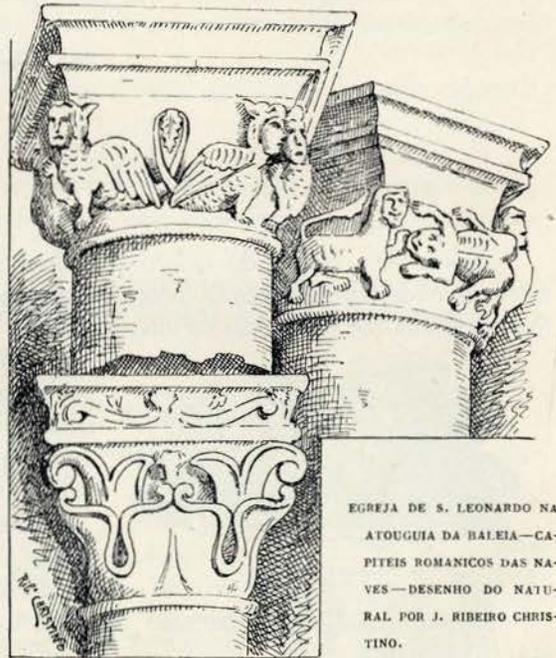
E' entre uma das depressões dêsse longinquo terreno, que por muitos kilometros se desenvolve, que se ergue a velha povoação da Atouguia da Baleia, a antiga Tougia, tambem chamada Touria, com a sua notavel matriz (seculo XIII?), denominada de S. Leonardo, seu orago, a qual serve de assumpto a este despretençioso artigo.

Erigida, ou, talvez, antes, restaurada, na epoca da transição do estylo românico para o gothico, é muito interessante, no seu, aliás, singelo aspecto externo.

Neste, é a ogiva lanceolada a fôrma dos varios arcos do seu profundo portico lateral, assentes em oito columnas, de elegantes capiteis; do mesmo estylo são as esguias janelas da abside, reforçada de botaréis, e tendo superiormente uma fiada de misulas e, no alto, uma serie de ameias de curioso recôrte, lembrando ondas que se succedem.

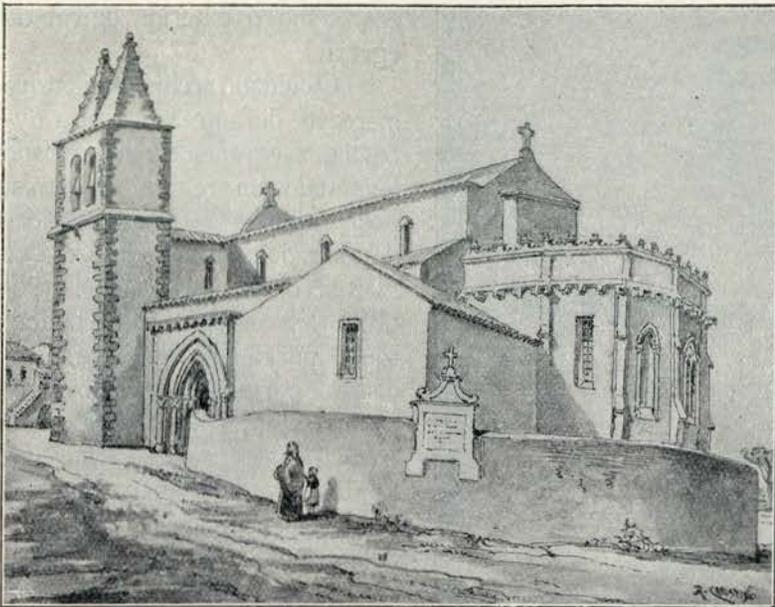
E' tambem digna de menção, por ser original no seu genero, pelo menos na Extremadura, a sua unica torre sineira, de arcos perfectos, de fôrma quadrangular e rematada por duas pyramides, tambem de base quadrada, ao lado uma da outra, tendo as arestas adornadas de pequenos cogulhos, regularmente espacejados.

O mais notavel desta antiga igreja, existe, porém, no seu interior, que varias columnas



EGREJA DE S. LEONARDO NA
ATOUGUIA DA BALEIA—CA-
PITEIS ROMANICOS DAS NA-
VES—DESENHO DO NATU-
RAL POR J. RIBEIRO CHRIS-
TINO.

A EGREJA DE S. LEONARDO DA ATOUGUIA DA BALEIA



(Desenho do natural, por J. Ribeiro Christiano)

ASPECTO GERAL DA EGREJA DE S. LEONARDO DA ATOUGUIA DA BALEIA

agrupam-se em tórno uns seres phantasticos, com o corpo, ora de peixe, ora de reptil, azas de passaro e rosto humano, lembrando Harpias e sereias. Os extremos das suas caudas fusiformes, enlaçadas, vêem-se rematados em folha pendente.

Em outro, allusivo talvez a alguma tradição, já perdida, sobre a existencia de feras locaes, salienta-se um quadrupede, lembrando um leão, tambem de rosto humano e que parece lutar com um feio amphibio de grande corpo, bem representado em attitude rastejante, dirigindo-se contra a féra, que o aggride com uma das patas deanteiras.

São, pois, evidentemente, estes capiteis, aliás muito bem conservados pelo resguardo que têm tido, do periodo románico e, portanto, anteriores á época denunciada pelo aspecto externo da egreja, como vimos. Os desenhos que ha annos fizemos, no decurso da nossa visita, e que aqui reproduzimos, deixam avaliar quanto são interessantes para a archeologia, tanto aquelles antiquados capiteis cubi-

robustas devidem em tres naves, sendo os capiteis, que supportam as arcarias, o que mais nos chama a attenção, pela sua original curiosidade decorativa.

São uns enormes capiteis cubicos accusando accentuadamente o románico, alguns adornados com singelas folhas estylizadas, tendo fortemente accusadas as nervuras e o contorno; em dois, salientam-se, porém, fórmans animaes, de grande relêvo, como, aliás, o apresentam os ornatos.

Assim, num delles,



Cliché do sr. Comendador Jorge A. de Almeida Lima)
EGREJA DE S. LEONARDO — ARCO DA CAPELA-MÓR

A EGREJA DE S. LEONARDO DA ATOUGUIA DA BALEIA



(Cliché do sr. Comendador Jorge A. de Almeida Lima)

EGREJA DE S. LEONARDO DA ATOUGUIA DA BALEIA — PORTA PRINCIPAL

E', portanto, por varios motivos, este vetusto templo mais um padrão que nos fala da esthetica da Terra Portuguesa, da qual esta distincta Revista procura, como algumas outras já desaparecidas, salientar e vulgarizar o que de patrimonio artistico nos legaram nossos maiores, no dizer do preambulo da *Terra Portuguesa*, á qual desejamos prospera existencia, felicitando, ao mesmo tempo, os seus iniciadores, — tão illustres e tão dedicados á Arte em Portugal.

cos, como o exterior ogival da igreja.

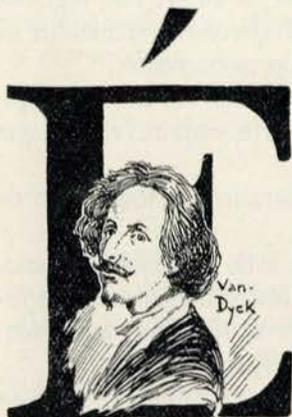
O cuidado architectonico que mereceu, durante a primeira dynastia, a igreja de um povoado levantado em região tão erma, pode explicar-se pela proximidade da rude povoação da Serra de El-Rei, onde o alfonsino D. Pedro I tinha suas casas e o famoso touril muralhado, de que ainda se conhece parte, para encêrro de gado bravo: seria, porventura, a matriz da Atouguia a igreja que o rei e os filhos de algo, seus companheiros, frequentavam, nas suas estadas por aquella região extremenha.

Assim, teria sido restaurada no seculo xiv, no gothico simples, a parte exterior, mais sujeita a estragos do tempo e, talvez, a abalos de terra, emquanto que, internamente, as robustas columnas e seus capiteis cubicos, de estylo romanico, uns, ornamentaes, outros, compostos com animaes phantasticos, se conservaram até nossos dias, demonstrando-nos pertencerem ao seculo xii, ou, mesmo, a época anterior.

RIBEIRO CHRISTINO.

EM S. DOMINGOS DE BEMFICA

UM QUADRO DE VAN DYCK?



Evasta a bibliografia dos Domínicos, em Portugal. Desde o desabrochar da Ordem, até á sua decrepitude, foi ela pacientemente tratada, ainda que a materia nos apareça envolvida, como de costume, nessa atmosfera de milagre, que pairou sempre sobre instituições similares. As crônicas do tempo, ainda as mais minudenciadas, preferiram sacrificar a feição essencialmente historica e artistica á evocação mística, — base essencial da atração religiosa, sempre propensa a divagações misteriosas. Raras vezes, porém, um assunto desta natureza terá sido historiado com tanta elevação litteraria, como o fez Manoel de Sousa Coutinho, na *Historia de S. Domingos*, principalmente na parte que se refere ao convento de Bemfica. Não admira que assim succedesse, se ponderarmos que Fr. Luiz de Sousa marcou a sua individualidade, na nossa litteratura, por uma fórma, que nem a todos os nossos escritores foi dado conseguir. Acresce ainda a esta circumstancia o facto de ter vestido o habito dos *Prégadores*, sentindo bem a vida claustral daquele edificio, que até ele tinha chegado em toda a sua pureza arquitetural, quando ainda os restauros lhe não haviam desfigurado a feição priméva. Quem ler a obra de Fr. Luiz, melhor do que nós apreciará os recursos do literato e a beatitude do frade. Porque não sómente ao escritor preocupou a dinamica conventual; atingiu mais, conseguindo, no bucolismo da sua narração, dar-nos a ideia nitida dos encantos que a natureza imprimiu no local onde a devoção de Fr. Vicente de Lisboa, ajudada do valimento de João das Regras, erigiu a modesta casa religiosa. Diz-nos ele: — «A uma pequena legoa da cidade, pela estrada que corre para Cintra, pouco desviado dela para a parte do poente, fica, como escondido e furtado á comunicação da gente, um pequeno vale, que, sendo naturalmente aprazível, por frescura de fontes e arvoredo, mereço, ao que se pôde crer, o nome, que tem, de Bemfica.»

Gabriel Pereira reproduz, no seu folheto *S. Domingos de Bemfica*, a descrição que Fr. Luiz de Sousa deu, da *Fonte do Sátiro*, que é um encanto de fórma e de verdade. Não é menos interessante o que depois acrescenta: — «Os que vão ao refeitório, acham, defronte dele e no meio do claustro, outro rio e outra agua; é um formoso tanque de boa pedraria, lavrado em quadro; no meio dele um grande prato de fino jaspe, que criam os montes visinhos; não têm os reis maior delicia; sobre o prato, a quem se não contenta com o tanque, lança agua ás mãos, um menino que se vê no meio, servindo-lhe de gomil uma cornucopia, com que está abraçado, feita por tal arte, que, estando boca arriba, lança igualmente a agua por toda, que, por vir repartida e espalhada, cái goteando e representa semear lagrimas ou derramar aljofres. E, como é grande, fazem as bordas que voltam, sombreiro ao menino e é de ver um geito gracioso, que o escultor lhe deu, por estar nú, de que arreceia molhar-se.»

Com esta amenidade de linguagem vai decorrendo a obra, erguendo diante de nós a

EM S. DOMINGOS DE BEMFICA

vida monastica, cobrindo de encomios os seus *professos* mais devotados pela sua *abnegação* cristã, ou mais notaveis no *miraculismo* dos seus atos. Mas, se a literatura portugueza ostenta no seu *dossier* mais umas centenas de boas paginas, com a obra de Fr. Luiz, nem por isso a investigação historica recolheu grossos cabedais, porque o autor, não fugindo, nesse ponto, da orientação dos outros monógrafos, deixou de nos proporcionar elementos de arte ou de historia, que representassem devéras, na reconstituição do monumento.

Nesta ordem de ideias, pôde bem dizer-se que coisa pouca sabemos da *sala do capitulo*, à qual, parece, comtudo, andar ligada certa manifestação de arte, cuja revelação tem de ser feita, a fim de que possa tentar-se a sua identificação.

Aí pelo fim do seculo xv, vivia em Portugal um homem honrado (na linguagem da época), oriundo da Galliza, de nome *Lopo Mendes do Rio*.

Sabe-se ter ele feito a venda dos logares de Unhos e Friellas a D. Henrique de Sousa, a cujo negocio Antonio Soares de Albergaria, nos *Triunfos de la Nobleza Lusitana*, se refere nestes termos: — «*Lopo Mendes del Rio fue señor de los lugares de Uños y Frielas, que vendio por dos cuentos de maravedis o reaes a D. Enrique de Souza*».

Como pessoa abastada, que devia ser, instituiu, em 1501, um vinculo, no convento de S. Domingos de Bemfica, na capela do capitulo, e a que veio mais tarde (1) a pertencer um quadro representando a *Crucifixão do Salvador* (2), atribuido ao pincel de Van Dyck. Pois bem. Decorreram alguns seculos, durante os quais os administradores dêsse vinculo não descuraram o cumprimento das obrigações que lhes eram impostas, até que, pela extinção das congregações religiosas, o convento foi, em hasta publica, arrematado por Henrique Moller. O quadro em questão, e não sei se mais algum objeto de carater artistico, foi removido para a Academia de Bellas Artes, onde se conservou na aula de *Pintura Historica*, até 1843, em que aparece, dirigido à rainha, um requerimento de D. Francisco de Paula Pimentel de Brito do Rio, por intermedio da *Instrução Publica*, em que, como representante e sucessor do vinculo, pede lhe seja entregue o quadro. O diretor da Academia de Bellas Artes, chamado a dar a sua opinião sobre o assunto, informa que o entregaria, logo que o petionario, em abono do que reclamava, apresentasse documentos comprovativos. A isto responde D. Francisco, apresentando não só certidão justificativa do registo dêsse bens vinculares no Hospital de S. José, como a publica fórma do depoimento de tres padres superiores do convento, em que estes prontamente confirmam a existencia do vinculo e do quadro, que sempre viram dependurado duma das paredes da sala capitular.

A questão complica-se, dada a relutancia do Estado em ceder aos rogos do fidalgo, chegando a Procuradoria Geral da Corôa a aconselhar o interessado, como unica solução, a *empregar os meios judiciaes ordinarios, demandando dirétamente o Estado*.

D. Francisco de Paula, que tambem alega a circunstancia de ser a capela jazigo de seus maiores, insiste, o que dá logar a que o caso, de *etape* em *etape*, só venha a resolver-se ao cabo de dez anos, pois que, em 31 de Agosto de 1852, uma portaria real, subscrita por

(1) A existencia do quadro não data, evidentemente, da criação do vinculo, visto que Van Dyck viveu na primeira metade do seculo xvii.

(2) No Museu de Anvers, exitem, pelo menos, dois quadros, representando *Cristo crucificado*. Num deles, está Cristo na cruz, tendo a seus pés S. Domingos e Santa Rosalia, aparecendo dois anjos na parte superior; no outro, vê-se sómente Cristo na cruz.

Rodrigo da Fonseca Magalhães, manda entregar-lhe a pintura, com a condição de a conservar sempre anexa ao vinculo que administrava.

Fica, pois, inicialmente tratado, póde dizer-se enunciado, este problema de arte. Se alguem o conhece já, nas suas linhas gerais, não foi muito extemporanea a sua rememoração; em qualquer caso, convem averiguar o paradeiro do quadro, a fim de que a sua identificação possa ser feita.

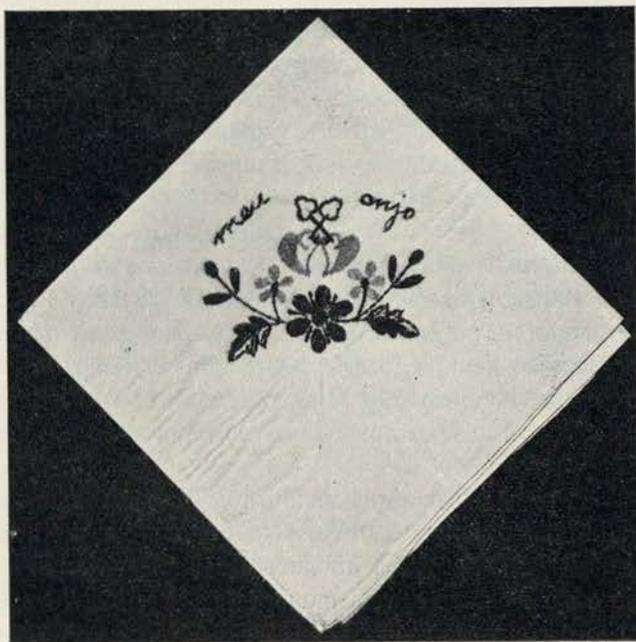


NOGUEIRA DE BRITO.

LENÇOS MARCADOS

Quem vá a uma feira do Minho, ou de Traz-os-Montes, topa a cada canto com os productos caracteristicos das industriasinhas ruraes da região e com os velhos costumes tradicionaes que o progresso ainda não fez esquecer.

Assim, encontrará também os ingenuos lenços marcados, cuja offerta constitue uma discreta declaração de amor e onde phares e versos apaixonados acompanham corações floridos, ou trespassados pela setta symbolica, chaves para os abrir, pares de mãos dadas, iniciaes significativas, tudo bordado a ponto de matiz, ou a ponto de cruz.



LENÇO BORDADO, DE BARCELLOS

Nalguns, que adquiri no mercado semanal de Barcellos, lêem-se simples phrases: *amôr firme, não amu outro, amisade sóati, meu anjo*; ou quadras como esta:

Este lenço já deu folhas
Agora já dá flores
Agora vae abraçar
Esta rosinha de amores

Noutro, recolhido em Traz-os-Montes, a mesma poesia amorosa:

Vaite lenço venturoso
A um sincivel coração
Vai levar afetos meus
A quem é minha prisão

Alberto Sousa, o director artistico d'esta Revista e distincto aguarelista, possui um lenço, por elle adquirido na feira de Villa Real, no qual bordaram estes dizeres:

Amor, quando te veijo o meu coração estrumesse de amor.

Os lenços marcados merecem bem um estudo desenvolvido, que, decerto, muito viria enriquecer a ethnographia portuguesa e o nosso cancionero popular.

S. P.

ARTE PRÉISTORICA

PINTURAS RUPESTRES DESCOBERTAS EM PORTUGAL NO SECULO XVIII



L estudio más fecundo en resultados para alcanzar el conocimiento de las civilizaciones de nuestros ancestrales fósiles es el de sus manifestaciones artísticas, consistentes en pinturas y grabados que los hombres del periodo cuaternario, y en general los prehistóricos, han dejado en las cavernas, abrigos y rocas al aire libre de numerosas regiones de España.

«Las pinturas rupestres es el asunto que más preocupa é interesa en la actualidad á todos los prehistoriadores del mundo, como puede comprobar-se hojeando las Revistas técnicas e de divulgación científica. Para nosotros tiene más interés, porque estas pinturas llenan con tal profusión España, que hacen de nuestra Patria el Museo mundial, donde á la vista de documentos dejados por los mismos hombres fósiles puede conocerse el género de vidas y costumbres de los pueblos primitivos, con claridad hasta ahora desconocida.»

Deste modo, entusiasticamente, se referiu á arte préistorica espanhola o ilustre geologo e arqueologo dr. Eduardo Hernandez-Pacheco, no discurso inaugural da 4.^a secção (Sciencias Naturaes), do congresso de Valladolid, em 1915 (1).

E este entusiasmo é tão comunicativo e tão justificado, que, por instinto quasi, nós, habitantes tambem da Peninsula Iberica, *museu de arte préistorica*, lançamos os olhos em volta, procurando na nossa boa terra de Portugal as mesmas manifestações artísticas que estão celebrizando o país vizinho. Por emquanto, porém, o que encontramos é quasi nada. Esperemos. Os descobrimentos arqueologicos surgem, seguem e completam-se, sempre que a vontade, scientificamente orientada, rebusque manifestações congeneres de arte ou industria. As pinturas e esculturas rupestres aparecerão com abundancia entre nós, no dia em que as procurarmos a serio.

O brilhante renascimento dos estudos préistoricos em Espanha foi, honra a quem de direito, impulsionado pela intelectualidade francesa, que da Peninsula fez vasto campo de pesquisas e de descobrimentos. O «Instituto de Paleontologia humana» de Paris, enviou para ali os seus mais competentes investigadores, a quem se devem monografias desenvolvidas e luxuosas, cuja publicação foi custeada pelo principe de Monaco.

Depois de fundada a *Junta para ampliación de estudios e investigaciones científicas*, organizou-se logo, em 1912, por sua influencia, uma *Comision de investigaciones*

(.) Congresso de Valladolid — «Estado actual de las investigaciones en España respecto á Paleontologia y Prehistoria», Madrid 1915.

ARTE PRÉISTORICA

paleontológicas y prehistóricas, cujos trabalhos são já importantísimos (1). Pertence a esta comissão a flôr da sciencia espanhola, dirigida e orientada por homens como os srs. Cabré, Pacheco, Marquez de Cerralbo, conde de Vega del Sella, etc.; e este grupo de energias, valiosamente auxiliado pelo Prof. Obermaier (2), está erguendo bem alto o nome de sua patria, marcando uma epoca nos estudos préistoricos da Peninsula Iberica.

Por que não succede cousa identica em Portugal, que já teve, depois do congresso de 1880, um periodo brilhantissimo na sua vida arqueologica?

Seria necessario que entidades officaes e não officaes se dessem as mãos, conjugassem esforços, metodizassem estudos, desenvolvessem uma vida intelectual intensa. Infelizmente, entre nós, succedeu muitas vezes que os proprios a quem incumbiria enfeixar energias foram os primeiros a afugentar boas vontades e dedicações. . .

Em vista, pois, do interesse mundial que está despertando o estudo das pinturas préistoricas, acho oportuno publicar as mais completas, unicas pinturas deste genero conhecidas em Portugal. Quem sabe se a sua divulgação não terá como consequencia o descobrimento de mais algum specimen, do mesmo genero ou de maior valor?

A pag. 105-106 do seu interessante e bem escrito *Douro Ilustrado* (3), o visconde de Vila Maior termina o capitulo sobre o Douro Superior com o seguinte periodo:

«Entre as penedias do cachão da Valleira, do lado do norte e proximo do rio, dizem existir um grande rochedo, no sitio que chamam *as letras*, em cuja superficie se acham gravadas umas figuras enigmaticas, que ali existem desde tempos immemoriaes e cuja significação ainda ninguem revelou, e que não parecem pertencer a nenhum dos estilos graphicos conhecidos. No tomo II das *Memorias para a historia eclesiastica do arcebispado de Braga*, de Contador de Argote, pag. 486, se encontra uma gravura representando aquellas figuras, e nas paginas seguintes se narram curiosas tradições sobre o sitio; não as vimos, não examinamos o lugar; passaremos adiante; e eis-nos aqui entrados na região do Alto Douro.»

Foi pena que Villa Maior não tivesse examinado *as letras*, porque o seu depoimento seria valioso e serio. Outros, antes e depois dele, se ocuparam das celebradas pinturas; estou, porém, em crer que, depois de Contador de Argote, mais nenhum arqueologo as viu. Talvez até já não existam. Amilcar de Sousa, num artigo da *Ilustração Portuguesa* (4), dá-as como desaparecidas.

(1) *Memorias sobre arte rupestre*, publicadas já pela *Comissão de investigações*:

«El arte rupestre en España: Regiones septentrional y oriental», por Juan Cabré, con prologo del *Marquez de Cerralbo*.

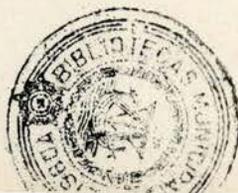
«Las pinturas prehistoricas de Peña Tú», por Eduardo Hernandez-Pacheco y Juan Cabré, con la colaboracion del *Conde de la Vega del Sella*.

«Avance al estudio de las pinturas prehistoricas del extremo Sur de España», por Juan Cabré y Eduardo Hernandez-Pacheco.

(2) Sob o titulo de «El Hombre Fósil», o Prof. H. Obermaier acaba de publicar uma obra notabilissima acêrca da Préistoria da Peninsula Iberica e de toda a Europa.

(3) *Visconde de Villa Maior*, «O Douro Ilustrado. Album do Rio Douro e Paiz Vinhateiro» — Porto 1876.

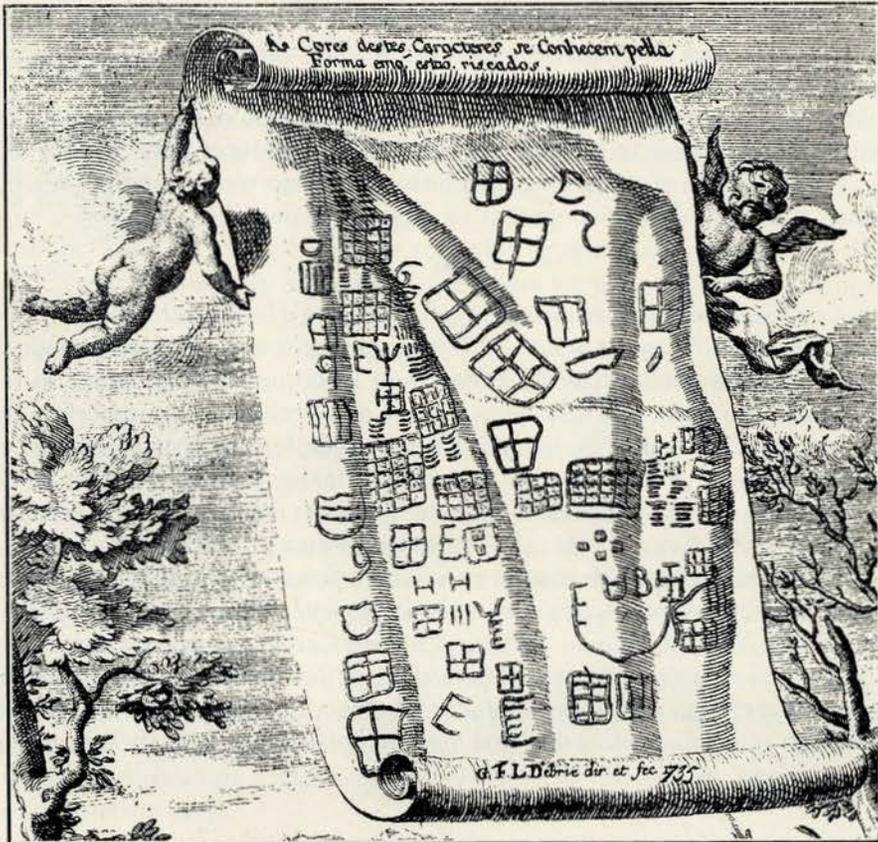
(4) «S. Salvador do Mundo. Grande Romaria da Beira Alta» — no n.º de 26 de Agosto de 1907.



ARTE PRÉISTORICA

Quando se construiu a linha ferrea do Douro, foi mandada tirar uma copia das pinturas, já então muito deterioradas. Desapareceriam com essa construção?

Contador de Argote foi, sem duvida, quem, até hoje, lhes ligou maior importancia, pois descreveu-as, copiou-as, fê-las gravar e transmitiu-nos a sua mais completa figuração. No capitulo VIII, pag. 232 e 234 do tomo IV do livro *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustanus*, escreve ele: «Perto pois do canhão da Rapa, na margem direita do rio Douro... está eminente hum penhasco todo cuberto de musgo, exepcto em parte de huma



PINTURAS RUPESTRES DO CACHÃO DA RAPA, DESENHADAS POR DEBRIE

face, que está muy lisa por espaço de dez covados em alto, e quatro em largo no meyo, nas extremidades tres, nesta tal face lisa se vem debuxadas diversas figuras com cores diversas; a saber, huns quadrados, e outros, que se não pode bem julgar se são jeroglificos ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do Xadrez, em parte defferem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos, e negros mas só de huma côr, que he hum vermelho escuro, a margem porem em huns he azul, outros a não tem. As de mais figuras se compõem das mesmas duas côres...». Fála, a seguir, de um gruta, que existia por baixo das pinturas, e de varias lendas a ela referentes.

ARTE PRÉISTORICA

Narrando do termo de Anciães, no *Diccionario Geographico* (tomo 1, Lisboa, 1747, pag. 469), o P. Luiz Cardoso escreve por sua vez: «Neste mesmo sitio (o Cachão), onde chamam *as Letras*, está huma grande lage, com certas pinturas de negro, e vermelho escuro quasi em forma de xadrez, em dous quadros com certos riscos, e sinaes mal formados, que de tempo immemorial se conservão neste penhasco. Dizem os naturaes, que estas pinturas se envelhecem humas, e se renovão outras, e que guarda esta pedra algum encantamento; porque, querendo por vezes algumas pessoas examinar a cova que se occulta de baixo, forão dentro mal tratadas, sem vêr de quem.»

A transcrição destes dois trechos, um tanto monotonos, era indispensavel, porque em ambos se determina a fórma dos sinaes e o seu colorido. Mas o que representam esses sinaes, que o povo, na sua tendencia simplificadorã, denominou *letras*?

A passagem do Douro modernamente conhecida pelo nome de «Cachão da Valeira» deve ter sido, desde tempos remotissimos, considerada como um lugar sagrado. Antes de cortado o rochedo, no fim do seculo XVIII, as aguas do Douro saltavam ali, bruscamente, numa queda violenta, que interrompia a navegação. Nos tempos preistoricos, succedia o mesmo. Os barqueiros do neolitico e dos primeiros metaes haviam de aterrar e transportar as suas pigas para a parte superior do rio, se quisessem seguir agua arriba.

Tenho, por conseguinte, como certo que as pinturas preistoricas do Cachão da Rapa se relacionam diretamente com o Douro; serão até uma consagração ao proprio Rio, e datarão do neolitico ou do eometalico.

Podemos relacioná-las com muitas outras pinturas arcáicas, hoje conhecidas na Europa, na Africa e na America (1). A maior parte dos sinaes tem o caracter de *signes à compartiments* (2). Sinaes tectiformes, pectiniformes e representações animaes não se divisam no interessante desenho que Debrie (3) fez para ilustrar os livros de Contador de Argote e de que reproduzo a parte superior, visto que a inferior — uma paizagem em planura, com fundo de montanhas, e com casario, muros e torres, no primeiro plano — não deve passar de uma das fantasias a que o gravador era dado (cfr. os penedos sagrados de Panoias, com fundos de agua, montes e arvoredo).

Nenhum dos autores (4) que no seculo XIX se referiram aos sinaes do Cachão da Rapa apresentou uma reprodução fiel da gravura de Debrie. Por isso, e porque as pinturas preistoricas da Península Iberica estão sendo estudadas com cuidado e por competencias, trago hoje aos leitores da *Terra Portuguesa* a presente nota.

VERGILIO CORREIA.

(1) Cartailhac et Breuil, *La Caverne d'Altamira*, Monaco, 1906, pag. 158.

(2) Franz Zeltner, *Les grottes a peintures du Soudan Francais*, em *L'Anthropologie*, 1911, pag. 1 a 12.

(3) A inicial com que abre este trabalho é tambem de Debrie.

(4) Leite de Vasconcelos, *Religiões de Lusitania*, vol. I, pag. 360 e segs. e Possidonio da Silva, *Boletim da R. Ass. dos Archeologos*, 1886, pag. 78 e segs. Possidonio foi quem primeiro apresentou uma reprodução do estado das figuras no seu tempo. Recentemente, o illustre archeologo, descobridor e historiador de pinturas préistoricas espanholas, D. Juan Cabré, referiu-se tambem á forma muito especial das nossas gravuras e pinturas archeologicas, reportando-se, evidentemente, ás do «Cachão da Rapa». (Vide *Los grabados rupestres de la Torre de Hercules (La Coruña)* — Sep. da *Rev. de Archivos B.^s y M.^s*, Maio de 1915).

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

(Continuação de pag. 92)

10. — No Lavradio (Ribatejo): E' à meia-noite da vespera de S. João a cerimonia. De um lado do vime coloca-se uma Maria e do outro lado um João, crianças inocentes. O vime é aberto de modo que a criança possa passar sem lhe tocar com o corpo. A Maria *passa* a criança (ligada com uma fita qualquer, geralmente de côr branca) para o João e êste para ela, tres vezes, — dizendo-se de cada vez:

— Em louvor de S. João,
toma lá um menino quebrado,
dá cá um são.

Depois, liga-se o vime com a mesma fita que ligava a criança. Esta curar-se ha, se o vime soldar.

11. — No Vale-do-Côina (1): A mãe, que haja tido dois filhos de um parto, diz, tomando nos braços o herniado:

— Porque quebraste?

Responde o quebrado, ou, se este não pode ainda falar, alguém por ele:

— Porque *esmiaste*? (2)

E ela:

— Assim como em louvor de Deus e da Virge Maria,
gemeos pari e sari, (3)
em louvor de Nossa Senhora,
ha-te sarar a ti.

12. — Em Vila-Rial: «Para sarar as crianças quebradas ou rendidas, devem passar-se na noite de S. João através de um olmo rachado. Para isto, escolhem um que seja ainda de haste delgada, fendem-no ao meio e alargam-no em arco, de modo que possa caber a criança, e depois tornam a uni-lo com todo o cuidado, porque, se elle soldar, tambem soldará a criança.» (4)

13. — Na Figueira-da-Foz: «As hernias das crianças (quebraduras), mesmo as congenitas, curam-se pelo seguinte processo: Na noite de S. João, ao dar da meia-noite, leva-se a criança a um carvalho, cujo tronco foi préviamente aberto no sentido vertical, e junto da

(1) Informação do Sr. Oscar de Pratt, que, amavelmente, me forneceu ainda outras para este artigo.

(2) De *esmeiar* = partir ao meio.

(3) *Sarei*.

(4) A. Gomes Pereira, *Tradições populares e linguagem de Villa-Real*, in REV. LUS., X, 215.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

arvore se colocam um rapaz, que se chama João, e uma rapariga, Maria. Estando um de cada lado da arvore, diz o João, que tem a criança nos braços :

— Maria ?

E ela responde :

— João !

— Toma lá este menino podre (outras vezes dizem quebrado) e dá-mo cá são.

E passa neste momento a criança através da fenda do tronco.

Liga-se este depois fortemente; se a arvore séca, a criança morre; caso contrario, cura-se» (1).

14. — Na Guarda: «As pessoas rendidas devem, na manhã de S. João, passar por um carvalho rachado: se elle soldar, tambem a pessoa sara» (2).

15. — No Seixal, os que assistem à cerimonia, dizem, quando a criança é passada pelo vime:

Ao louvor de S. João,
terá cura ou não?

Ha musica, gaita-de-fole, queima de alcachofras e baile.

16. — Tomás Pires registou (3): «Quando uma criança é quebrada, vão uma Maria e um Manuel, virgens, na noite de S. João, a um vime. O Manuel racha o vime e passa a criança pela abertura para a Maria. O vime depois é *aligado*, e nesta occasião se *solda* a criança com o *enguento de solda*, que vem da Espanha». Já o mesmo saudoso escritor se referira a esta *solda* no volume IX da REV. LUS. (4) «Uma colher de mel bebida em jejum [quando se padece de *espinhela caída*] é uma *solda*. *Solda* como um pingo numa chocolateira. É como nas quebraduras o unguento de solda, unguento que vem da Espanha. Cá tambem o ha, mas não péga».

17. — Ainda relativamente ao Alentejo (5): «Para a cura da quebradura nas creanças: Degolam, na noite de S. João, um lagarto, de modo que o sangue cáia sobre a parte enferma da creança; ou passam, na alludida noite, por um vime, tres vezes, a creança, untada de mel, dizendo:

João,
Toma o meu menino doente,
Põe-mo são».

(1) Cardoso Marta e Augusto Pinto, *Folclóre da Figueira da Foz*, Esposende 1913, II, pág. 81-82.

(2) A. Gomes Pereira, *Tradições populares da Guarda*, Esposende 1912, pag. 17.

(3) *Investigações ethnographicas* (XII — Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos), in *Rev. Lus.*, XI, 266.

(4) Pag. 115. Noticia respeitante a Elvas.—Vid. o meu folheto *Espinhela caída*, Viana-do-Castelo, 1915, pág. 5.

(5) *Revista do Minho*, V ano, sem paginação: XXXIV—«Tradições populares (2.º appendice à collecção publicada em os n.ºs 5 a 23 do *Progresso d'Elvas*).»

MEDICINA POPULAR : «QUEBRADURA»

18. — Do Sr. J. Carvalho Henriques, publica a REVISTA DO MINHO (1) um artigo intitulado *A passagem pelo vime*. É dêsse artigo a seguinte narrativa (2), referente a Alenquer: «Aproximava-se a meia noite, quando, por entre o arvoredado, brilhou a luz d'uma lanterna, e um numeroso grupo de homens e mulheres avançou para os vimeiros [da Horta dos Vimes], acercando-se de uma d'estas arvores de troncos mais longos. Em seguida, um sугeito, chefe do grupo, uma especie de mestre de ceremonias, escolheu um dos troncos do vimeiro e com uma navalha rachou-o, collocando de um lado do vime duas Marias, raparigas menores, e do outro lado um João, rapaz tambem menor. Uma das raparigas, de roca á cinta, começou a fiar linho. O grupo conserva-se silencioso, n'uma attitude devota e recolhida, esperando a meia-noite. Por momentos, a creança choramingava, e logo de todos os labios saham prolongados *chius*, cahindo tudo de novo em silencio, só perturbado pelas rãs e pela queda da agua do tanque. Quando o relógio da torre da igreja de S. Francisco bateu a última badalada da meia-noite, o chefe do grupo fez um signal, e a Maria, que se conservava immovel, enquanto a outra fiava, recebeu nos braços a creança, passando-a através do vime ao João, pronunciando as seguintes palavras rituaes:

— João, toma lá o meu menino doente e dá-m'o para cá são.

Ao que o João, devolvendo a creança, tambem através do vime, respondeu:

— Em louvor de S. João, deste-me o teu menino doente, toma-o lá são.

Este acto repetiu-se tres vezes. A seguir, rasgaram a camisa da creança em tiras e com ellas molhadas em mel ligaram o vime, apertando-o com o fio de linho fiado pela rapariga durante esta solemnidade. O grupo retirou pela mesma ordem por que tinha chegado, crente de que, se o ramo secar, a creança se não curará, mas se, pelo contrario, o vime soldar e continuar viçoso, a creança ficará boa».

19. — «Na vespera de San João, á meia-noite, em Castello de Vide, as creanças que tem ruptura são passadas por uma vara de vimeiro, rachada longitudinalmente com uma navalha. Escolhem-se entre as creanças sãs um João e uma Maria, e são estas que pegam na creança doente ou mandam passar o homem, se é um homem, dizendo o João:

Maria, em nome da Virgem Santissima
E do Baptista San João,

Toma lá este menino podre
E passa-m'o são.

Maria responde:

João, em nome da Virgem Santissima
E do Baptista San João, etc.

Isto, tres vezes cada um, enquanto se passa a creança. As restantes pessoas cantam o *Bemdito*, em voz alta. Depois, ligam-se as duas partes do vime e deixa-se ficar este no vimeiro. Se a vara floresce, no tempo proprio, o doente sára; se a vara sécca, o doente não sára e deve voltar no ano seguinte» (3).

(1) Esposende 1911, XIX ano.

(2) Colunas 159-162.

(3) *Revista do Minho*, ano XV, Esposende, 1900, col. 65.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

20. — Nas TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL (4), arquivou o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos:

— «h) Quando uma creança está rendida, vão com ella tres Marias a fiar na roca, e tres Joões, á meia-noite do S. João, ao pé de um vimieiro; um dos Joões racha um vime, e os outros dois passam a creança pela abertura do vime para as Marias. Dizem os Joões: «Que fazeis vós?» Respondem as tres Marias:

Fiamos linho assedado
Para ligar o vime
Que o menino é quebrado.

Isto diz-se tres vezes. O vime, depois, é atado; se soldar, é porque o menino sara; se não, não (Minho). i) Numa versão do Porto, vae com a creança doente o padrinho e a madrinha, á meia-noite do S. João, ao pé de um carvalho cerquinho: racham-no e passam pelo meio d'elle a creança rendida. O padrinho, ao passar a creança para a madrinha, diz:

Aqui tens a tua afilhada (ou afilhado)
Que nos dizem que está quebrada (ou quebrado).

Responde a madrinha, ao recebê-la:

Eu que a acceto sã e salva
Como na hora em que foi nada (nascida). (1)

j) Numa versão de Alijó, vae um João e uma Maria, ambos puros, ao pé de um amieiro. A Maria, ao passar a creança para o João, diz:

João!
Toma lá o meu menino quebrado
E has-de-m'o dar são.

Depois: «Em louvor de João, um P. Nosso e uma Ave-Maria». Tres vezes. k) Numa versão de Fafe (Minho) vae uma Maria virgem e um João. A Maria ao passar a creança, e o João ao recebê-la, dizem estas palavras:

João!
Entrego-te o menino quebrado,
Has-de-m'o dar são.

Maria!
Pelo poder de Deus e da V. Maria
O menino são ficaria.

(1) Pôrto, 1882, pág. 112-114.

(2) O Sr. J. Carvalho Henriques registou (*Revista do Minho*, XIX ano, col. 163): «—Aqui tens o teu afilhado, que me dizem ter quebrado.—Eu que o recebo são e salvo, como na hora em que foi nado».

N-O *Tripeiro*, de 1 de Janeiro de 1911 (3.º ano, pág. 293), vem assim:—«Toma lá, comadre».—«O que me dás tu, compadre?»—«O nosso afilhado, rendido e quebrado»—Ella (a madrinha) pega na criança, e tornando a passal-a pela rachadella (do carvalho cerquinho), diz—«Toma lá, compadre.»—«E que me dás tu, comadre?»—«O nosso afilhado são e salvo, como na hora em que foi nado». Isto faz-se tres vezes, e de cada uma reza-se uma *Salvê Rainha*.—Nesta versão, é o padrinho que racha o carvalho cerquinho.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

l) Numa versão de Valle-de-Passos, diz-se:

Quando este carvalho fechar
Tambem o menino hade sarar.
Em louvor da Virgem Maria
Um Padre Nosso e Ave Maria.

A operação repete-se tres vezes. m) Numa versão de Lisboa, ouvi dizer que a planta escolhida é um vime, e que dizem as mesmas palavras que em j. (1). . . . C. Pedroso, num curioso artigo. . . (in *Positivismo*, p. 337-8) dá conta de um costume de Lisboa, semelhante aos precedentes; nesta versão, diz-se que a camisa da creança é rasgada e com ella é atado o vime aberto (2). n) A pag. 303 da *Bibliographia critica de hist. e litterat.* encontro, num art. do snr. F. A. Coelho, o seguinte para cura da hérnia ou *quebradura*, — versão de ao pé de Coimbra: «Vão duas creanças, uma do sexo masculino, cujo nome de baptismo seja João, outra do sexo feminino, cujo nome de baptismo seja Maria, e que possa pela sua idade tomar em seus braços a creança que tem *quebradura*; colloca-se João d'um lado e Maria do outro, e trava-se o seguinte curto dialogo:

JOÃO: Toma lá, Maria.
MARIA: Que me dás, João?

JOÃO: Um corpo quebrado
Para m'o póres são.

E João passa a creança *quebrada*, pela abertura feita no carvalho, para Maria». —

21. — A respeito da passagem pelo vime em Lisboa, escreveu Silva Túlio (1): . . . «Entre os muitos milagres, que o Senhor S. João se digna fazer por virtude dos orvalhos da sua noite, contou-se sempre o de curar os meninos quebrados, levando-os nus em pelle a passar pelo vime, á hora mysteriosa da meia noite» . . .

. . . «o melhor da festa (aliás *cura*) são as ceremonias; porquanto os devotos não se fiam só na *virtude* do relento. E mesmo porque é mister que tudo contradiga aquelle rifão parvo, que diz que as ceremonias são para a Igreja.

«Vejam os. O ritual, ainda hoje fielmente observado, é o seguinte:

«Perto da meia-noite, leva-se o menino quebrado para ao-pé de um frondoso vime. Apenas acaba de bater a ultima das dozes badaladas, começa-se a despil-o, e vai-se fendendo de alto abaixo uma vara do vime, que esteja bem verdinha, de maneira que as duas metades abram um circulo, pelo qual possa passar a criança. Chega-se esta especie de arco para o meio de um rapaz e de uma rapariga ainda pequenos, mas que saibam falar, e que tenham por nome, elle *João*, e ella *Maria*. Depois pega-se, da criança, que deve já estar completamente nua, dá-se ao Joãozinho, que a toma nos braços, e de costas a enfia pela cabeça

(1) Cfr. adeante versão 21.

(2) Cfr. versões 6., 18. e 21.

(1) Artigo de (António da) Silva Túlio na *Revista Universal Lisbonense*, de 6 de Julho de 1843 (tomo II, pág. 524 e seg., art. 1893), apud CASOS DO MEU TEMPO, volume 44.º das *Obras completas de A. F. de Castilho* (volume VI dos CASOS), Lisboa 1907, pág. 25-26.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

através do vime, para a passar ás mãos da Mariquinhas, que a torna a recambiar com o mesmo geito para o João, e isto por trez vezes, repetindo de cada uma estas palavras *sacramentaes*, que, segundo é fama, encerram muita virtude:

— Em louvor de San João

toma lá, Maria.

— Que me dás, João?

— Dou-te este quebrado

p'ra m'o dares são

em louvor de San João.

Feito isto, une-se outra vez a vara, unta-se muito bem untada com mel de enxame novo, rasga-se uma tira da fralda da camisa da criança, e com ella se liga o vime, para tornar a ficar como d'antes era. Se elle com effeito sara, e não morre do golpe que levou, a criança fica tambem san e escorreita. Se porém sécca e fenece, fica tudo (como lá se diz) em actos nullos;» . . .

«Ora isto não nol-o contou nenhuma velha, a quem aliás muito respeitamos e acreditamos; vimol-o com os proprios olhos. E não se julgue que foi n'alguma aldeia, e ainda no tempo do *Dominus tecum*; foi aqui na nossa illustrada e illustradissima Lisboa, no bairro mais nobre d'ella, o do Rocio, e a 23 do corrente Junho de 1843.» . . .

Ao artigo de Silva Túlio — cap. CXCVI, pág. 23-29 — seguem-se dois pequenos capítulos de Castilho, referentes à *passagem pelo vime* (pag. 31 e pág. 33, respectivamente) e extraídos também da REVISTA UNIVERSAL — Junho de 1844 — mas que nada ajuntam de novo.

Mencionarei agora algumas versões desta popular terapêutica da hérnia noutros países.

22. — NO ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO *para o ano de 1860* (1), lê-se: «*Remedio infallivel para quebraduras*. Entre as diversas crenças populares dos sertões d'esta provincia, e quiçá de algumas outras partes do imperio, a que mais curiosa me parece é a *cura de quebraduras*, em noite de S. João, não só pela fé que tem a gente do povo na efficacia da receita, em busca da qual caminha duas, tres e mais léguas, como por uma especie de mysticismo que transluz no ceremonial empregado, cujo fim principal, senão unico, parece ser impressionar vivamente a imaginação do doente.

Apenas chega aquella suspirada noute, e depois de prevenido pelos doentes o mestre curandeiro, dirigem-se todos a um logar do campo onde existão alguns pés de pinhão bravo, arbusto de natureza silvestre, muito commum nos taboleiros e logares arenosos dos nossos sertões. Ahi designa o charlatão tantos pinhões quantos são os doentes que se pertendem curar; e, assumindo aquelle ar de gravidade que inspira a importancia do acto e a especie de sacerdocio que vae exercer, tanto na ordem da graça como na da natureza, manda fazer uma pequena fogueira em frente de cada um dos arbustos; abre depois com uma faca uma fenda longitudinal na haste do pinhão, que tem ordinariamente de duas a tres polegadas de diametro, deixando-a todavia unida nas duas extremidades; e como as partes divididas sejam bastante flexiveis, abrem-se com as mãos, e abertas se conservão até que o doente haja passado tres vezes pela fenda e por cima da fogueira, recitando em cada passagem e em voz baixa uma oração, que me dizem ser a *Ave Maria*.

(Continúa.)

CLAUDIO BASTO.

(1) Lisboa 1859, pag. 341-342.

NOTAS

AS DÉCIMAS DO «PADRÃO»

A uns 7 kilometros de Estremoz, á beira da estrada que segue para Sousel, encontra-se o padrão comemorativo da batalha do Ameixial. Esse padrão consta de uma coluna encimada por uma coroa real, e tem inscrito na base o seguinte letreiro:

«No anno de 1663, em 8 de Junho, reinando em Castella D. Filippe IV, vindo D. João d'Austria seu filho, capitão general do exercito daquelle reino retirando-se com elle da cidade de Evora, se formou n'este sitio á vista do exercito de Portugal que o seguia e de que era governadôr das armas D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, o accometueu dando-lhe batalha e destruindo ao exercito de Castella em que vinha toda a nobreza d'ella, ganhando-lhe artilheria que trazia, quantidade de carroagens que o acompanhavam. E, para memoria de tão glorioso successo, mandou El-Rei D. Afonso VI Nosso Senhor pôr aqui este padrão que é o logar em que se deu e venceu a batalha».

Ora este letreiro, longo e minucioso, deu origem a uma composição poetica popular, denominada as «Décimas do Padrão», que a gente dos arredóres do Ameixial attribue ao *Caleiro*, um velho trabalhador rural, versejadôr e repentista, genero *Pôtra*, de Beja.

O manuscrito, que comprei num *monte*, perto do Padrão, consta de 30 decimas, das quaes, porém, só transcrevo as que se referem directamente ao monumento.

Veja-se como a imaginação e a ignorancia do poeta transformaram os dados historicos da inscrição e no-los apresentam irreconheciveis:

Diz o *Caleiro* que se deve
Para este pedrão olhar
Que se deve calcular
Quanto nele se percebe
Ele calcula e manuscreeve
Como estes foram atacados
Deus perdoe os seus pecados
A quantos aqui morreram
Vês aqui o que sofreram
Dos nossos antepassados.

Dos nossos antepossados
Da nossa antiguidade
Vês aqui a crueldade
Com que foram castigados
Caindo para ali despedaçados
Destruídos pelo chão
Por essa mesma razão
Enquanto o mundo durar
Sempre se hade ouvir falar
Nesta serra do pedrão.

Nesta serra do pedrão
Fizeram grande assassino
Morreu gente sem contino
Ali aquella occasião
E Jesus em que aflicção
Se viram daquela vez
Caindo a cinco e seis
Em quanto de pé estiveram
Muitos gritos se ali déram
Em seiscentos e setenta e tres.

Em seiscentos e setenta e tres
No dia oito de Junho
Morreu muita gente a punho
Neste lugar que aqui vês
Pessoas Reaes vieram tres
Com um mete-lo o despique
Para que esta memoria fique
Nas vistas de quem passeia
O primeiro que se nomeia
E' de Castela a Dom Felipe.

NOTAS

Veio de Castela Dom Felipe
 Quarto e sua divisão
 Veio da Austria Dom João
 Com seu filho pôr-se a pique
 Não tenho mais que lhe esplique
 Que é o que conta a história
 Na frente desta memoria
 Veio o Rei dos castelhanos
 Junto com dois austarianos
 Todos tres perder Vitória.

Todos tres perder Vitória
 Armas e suas riquezas
 Aonde veio toda a nobreza
 Ganhar morte e perder gloria
 Levaram com palmatória
 Do conde de Vila Flôr.
 Era ele o governadôr
 Das armas de Portugal
 No campo do Ameixial
 Achou-se ele por vencedôr.

Achou-se ele por vencedôr
 Ganhando as artilharias
 Eles vinham ha dois dias
 Fugindo com seu temôr
 Dom Afonso el-rei senhor
 De traz os vinha seguindo
 E os outros d'Evora fugindo
 Ali para aquela fortaleza
 Cada vez com mais basteza
 Castelhanos no chão caído.

Castelhanos no chão caído
 Sempre de continuamente
 Dom Afonso de contente
 Para Dom Sancho se estava rindo
 Cada vez mais oprimindo
 Ali em constante batalha
 Diz Afonso, aqui trabalha
 Hoje tudo a ferro frio
 No fim deste desafio
 Tem cada um sua medalha.

Tem cada um sua medalha
 Que á força d'armas as ganhemos
 Vamos a ver se acabemos
 Com a raça desta canalha
 Que eles nem polvora nem metralha
 Tem já em seu poder
 Se eu a crôa não perder
 Antes de vitória ganhar
 Aqui prometo de a prantar
 Para toda á gente a ver.

Para toda á gente a ver
 E ó pedrão servir de testo
 Crôa de Dom Afonso sexto
 Ela é esta e hade ser.
 Que aqui se veio bater
 Com duas nações estrangeiras
 Com palavras verdadeiras
 O que faço não desmancho
 Em companhia de Dom Sancho
 Veio aqui ganhar bandeiras.

Se por acaso desaparecesse toda a documentação historica referente á batalha do Ameixial e ficasse apenas, mais deturpada ainda, a cantiga do *Caleiro* para a perpetuar, que falsidades não tomariam por elementos de bom e real valor os que acreditam na eficacia de todas as fontes indiretas da historia! E se isto succede a proposito de inscrições bem claras e nos nossos tempos, o que não aconteceria nas epocas remotas, donde nos vieram os *romances* populares!

As seis primeiras decimas, que não transcrevo, da composição poetica, representam, a bem dizer, o seu prologo e constam de uma invocação á divindade e de um lamentoso recordar do fim da vida, igual para todos; seguem-se os versos que reproduzo e, por fim, mais quatorze decimas, onde são repisados os motivos do prologo.

Esta composição poetica popular, onde os dados historicos aparecem tão estranhamente baralhados, não tem, é evidente, um valor extraordinario, já porque é de origem relativamente recente, já porque temos, para contraprovar e contrariar as suas afirmações *historicas*, superabundancia de documentos. E' sempre bom, porém, recolher todos os elementos que lancem luz sobre a nossa literatura popular, principalmente quando arriscadas a perderem-se, como era o caso das *décimas do padrão*.

V. C.

CRONICA

SESSÃO SOLENE EM HONRA DE UM ARQUEOLOGO PORTUGUÊS

O *Corriere della Sera*, de 12 de Maio corrente, traz-nos a seguinte noticia, subordinada ao titulo *La Commemorazione di Alfredo d'Andrade* :

«Torino, 11 maggio, notte. Un eletto e numeroso uditorio di senatori, deputati, consiglieri e assessori comunali, autorità civili e militari, e personalità del mondo intellettuale, è accorso oggi alla solenne commemorazione di Alfredo D'Andrade, cittadino onorario di Torino, indetta dalla Società piemontese d'Archeologia e Belle Arti sotto gli auspici del Municipio. La commemorazione fu tenuta nell'aula consigliare dal prof. Piero Giacosa della nostra Università; ma prima di lui parlarono degnamente il presidente on. Paolo Boselli ed il sindaco senatore conte Teofilo Rossi.

Accennato alle vicende giovanili del grande artista portoghese, il Giacosa descrisse la vita in Piemonte del D'Andrade, il suo interessarsi all'archeologia massime per lo studio dei Castelli e delle fabbriche del Canavese e della Val d'Aosta, che furono le regioni dove egli soggiornò più a lungo. La necessità di avere un vasto campo per paragoni e indagini, e il desiderio acuto di perfezionarsi incitarono poi il D'Andrade a viaggi in altre regioni d'Italia, in Francia, in Spagna, nella Svizzera e nella Germania. La sua fama cresceva a misura che si manifestava la sua perizia e la sua dottrina nelle fabbriche o nei restauri di edifizii privati e pubblici.

Passato dai monumenti medioevali a quelli romani, si distinse per le sue indagini fortunate ad Aosta, a Torino e nella Liguria, dove disseppelli edifizii mal noti o ignorati, completò le piante delle città romane e provvide a un sapienti ristauo del monumenti.

Tuttavia l'apogeo della gloria del D'Andrade coincide colla costruzione del villaggio Medioevale di Torino, che segna un'epoca per la coltura artistica e l'indirizzo del gusto in Piemonte, ed ha un significato tale per la città di Torino, da giustificare il titolo di cittadino onorario conferito all'autore della mirabile opera.

Il discorso, seguito col massimo interesse, fu accolto da lunghi applausi e vive congratulazioni.»

Temos o maior prazer em transcrever esta noticia, que tão grande honra representa para o que foi nosso iluste compatriota, Alfredo de Andrade.

UMA COLLECCÃO DE INSTRUMENTOS MUSICOS

Foi vendida em leilão, aqui ha um mez, a collecção instrumental do fallecido amator senhor Antonio Lamas.

Não nos referiríamos, porém, a essa venda, se ella não tivesse representado o completo desmembramento de um dos mais valiosos nucleos de instrumentos musicos, existentes em Portugal, desmembramento que nada explica, agora que está creado um museu instrumental em Lisboa.

Felizmente que algumas das suas principaes peças foram adquiridas por distinctos colleccionadores, o que impedirá a sua sahida do paiz e lhes assegura o carinho de que são merecedoras. Como se explica mais este acto comprovativo da indifferença do Estado em assumptos de Arte?

ERRATA

A pag. 70, onde se lê: *Dom José de Amorim Pessoa*, deve ler-se: *Dom José de Azevedo e Moura*.

A pag. 79, no distico da gravura, onde se lê: *Tapete da 2.^a epoca*, deve ler-se: *Tapete da 1.^a epoca*.

